



Cidade e comunicação: a diluição dos referenciais e a construção do inédito¹

Alessandra Oliveira ARAÚJO²
Universidade de Fortaleza, Ceará, Ce

RESUMO

O artigo faz uma discussão da categoria cidade a partir de autores como Lefebvre (1991), Simmel (1976), Wirth (1976) e Brissac (2004). O objetivo é relacionar a categoria cidade com a comunicação e perceber as interligações entre elas. Para isto, iniciamos o texto com uma discussão sobre as transformações sociais provenientes do crescimento demográfico e da heterogeneidade cultural presente nas cidades. Depois, analisamos como estas transformações contribuíram para uma quebra das referências tidas como sólidas. Por fim, refletimos sobre o papel dos meios de comunicação na dissolução e construção de novos sentidos para a cidade e como a cidade, seus muros e suas ruas, podem ser espaços comunicacionais onde acontecem disputas por visibilidade e encontros de histórias.

PALAVRAS-CHAVE: cidade; comunicação; referenciais; paisagem urbana.

1- Introdução

O presente artigo é o resultado dos estudos da categoria cidade feitos para a pesquisa de doutoramento que discutirá a relação dos jovens grafiteiros com a cidade e o uso do grafite como narrativa de suas histórias de vida.

Com o objetivo de aprofundar reflexão sobre uma das categorias fundamentais para nossa pesquisa em andamento, fizemos um estudo de como a cidade é interpretada por autores como Lefebvre (1991), Simmel (1976), Wirth (1976) e Brissac (2004).

Assim, este texto faz uma síntese dos estudos desenvolvidos sobre a cidade e sua relação com o campo da comunicação. Iniciamos com uma discussão sobre como a densidade demográfica e a heterogeneidade transformou as sociabilidades e criou, segundo Simmel (1976) e Wirth (1976), um isolamento dos sujeitos e uma quebra dos referenciais sociais estáveis.

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza e doutoranda em Educação Brasileira pela UFC-Ce. Email: alessandraoliveira@unifor.br.



Para falar sobre a quebra de referenciais usamos Lefebvre (1991) que argumenta que a cidade, principalmente por sua heterogeneidade e especialização de funções, levou a um desengate entre significante e significado. Para o autor, temos tantas referências numa cidade que, muitas vezes, nossa comunicação pode ser imprecisa. Não temos mais um contexto comum, sólido, para falar a partir dele. O cotidiano seria, então, o espaço de reconstrução destas referências, o local onde poderíamos fazer o “reengate” entre significante e significado.

Brissac (2004) também fala que a cidade traz uma multiplicidade de possibilidade de construção e reconstrução de sentido, mas argumenta que os meios de comunicação estão fazendo tão excessivamente o papel de descrever a cidade que não existe mais nada para ser dito. Entretanto, o autor também vai falar que a cidade, justamente por sua heterogeneidade e imprevisibilidade, é um espaço de construção e recriação. A cidade passa a ser vista, assim, como campo comunicacional, onde acontecem conflitos, lutas por visibilidade, mas também encontros e onde encontramos histórias para serem vistas, lidas e narradas.

2- A cidade e as pessoas

Por volta dos anos 1905 – 1910, as transformações sociais e o avanço da ciência, a partir da criação da eletricidade, contribuíram para que os referenciais, antes sólidos, começassem a soltar. A noção que tínhamos de espaço, de distância, é alterada com o surgimento de novos meios transporte e comunicação que tornam acessíveis vários espaços ao mesmo tempo, levando a uma compreensão de que “o ‘nosso espaço’ é apenas um entre os possíveis, que talvez ele só exista relativamente a nós (à nossa escala) e que em outro lugar ou numa outra escala pode haver outros espaços, outras temporalidades” (LEVEBRE, 1991, p.124).

A suposição acima, de que existem outros espaços e outras temporalidades, pode ser exemplificada com a própria mudança da paisagem que as pessoas estavam enfrentado. Walter Benjamin, fala sobre este conflito de habitar um espaço totalmente novo:

Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em todo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes de explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano (BENJAMIN, 1985, p. 115).



Esta nova paisagem nos coloca novas questões como a complexidade das relações e o convívio com o outro, com o diferente. Passamos de uma vida na qual nos relacionávamos com pessoas conhecidas para confrontar o estranho. Simmel (1976) fala que este contato com o outro na cidade e a complexidade trazida pela segmentação do trabalho e das funções sociais dos indivíduos nos leva à necessidade de preservação, à individuação, “resulta em que o indivíduo apele para o extremo no que se refere à exclusividade e particularização, para preservar sua essência mais pessoal” (SIMMEL, 1976, p.24).

Usando a mesma linha de pensamento, Wirth (1976) descreve a complexidade das relações sociais como resultado da alta densidade demográfica, que levou à especialização das funções, e o agrupamento de heterogeneidade no espaço urbano que resultou num conjunto de sujeitos e culturas tão diversos que ficaria difícil definir uma fundamental característica para a cidade que não fosse a sua heterogeneidade.

Assim, apesar de viver num mesmo espaço e usar as mesmas ruas, cafés, praças e transporte público, os sujeitos das cidades não estreitam seus laços, não constroem relações sólidas, como afirma Wirth: “Tipicamente, nossos contatos físicos são estreitos, mas nossos contatos sociais são distantes” (1976, p.103).

Ainda de segundo Wirth, o a proximidade física associada à distância social levam os indivíduos a um isolamento. Sozinho, em meio à multidão, o sujeito pode isolar-se ainda mais ou recorrer a grupos diversos, já que existe uma forte heterogeneidade de personalidades no ambiente urbano. Transitando entre um grupo e outro, tendo acesso a múltiplas referências de culturas diversas, o sujeito acaba participando de vários grupos, cada um servindo de referência para um dos seus variados interesses.

A heterogeneidade tende a quebrar estruturas sociais rígidas e a produzir maior mobilidade, instabilidade e insegurança, e a filiação de indivíduos a uma variedade de grupos sociais opostos e tangenciais com um alto grau de renovação dos seus componentes (WIRTH, 1976, p.113).

A diversificação dos grupos pode trazer maior liberdade para os sujeitos, mas também traz uma instabilidade, já que a transitoriedade das pessoas não possibilita, segundo Wirth (1976), uma solidez nas relações e acabaria contribuindo para a quebra das estruturas sociais rígidas.



3. A cidade e os referenciais

O aumento da densidade e heterogeneidade das cidades no século XIX resultou, como vimos acima, numa forte segmentação do trabalho. O desenvolvimento industrial, assim, acabou especializando tão radicalmente o trabalho que houve uma grande diminuição da capacidade de conhecermos todo o processo de produção. Assim como os trabalhadores só conheciam uma parte do que produziam, a sociedade também passa a ser percebida de forma mais fragmentada.

A fragmentação da sociedade resultaria num enfraquecimento dos referenciais até então sólidos. A família, o trabalho e a igreja, por exemplo, deixam de ter uma importância central na vida de muitas pessoas que vivem na cidade ou passam a possuir outros sentidos. Não estamos dizendo que as instituições citadas deixam de ter importância, mas elas deixam de ser as únicas definidoras dos sujeitos e das relações sociais. Outras referências, trazidas não só pela relação das pessoas com a cidade, mas também pelos meios de comunicação, irão influenciar o que Lefebvre (1991) chama de “desengate” entre significante e significado.

Entretanto, o Lefebvre ressalta que “os referenciais desapareceram, não a lembrança e a existência de um sistema de referenciais”(1991, p.127). Existindo, assim, certa necessidade de “reengate” do significante e o significado.

Para o autor, estamos vivendo uma crise de referenciais, de tal forma que um significante pode ser entendido por tantos significados que nossa comunicação permanecerá incerta, como no exemplo de Calvino:

Recém-chegado e ignorando completamente a língua do Levante, Marco Polo não podia se exprimir de outra maneira senão por gestos, saltos, gritos de maravilha e de horror, latidos e vozes de animais, ou com objetos que ia extraindo dos alforjes: plumas de avestruz, zarabanas e quartzos, que dispunha diante de si como peças de xadrez. Ao retornar das missões designadas por Kublai, o engenhoso estrangeiro improvisava pantomimas que o soberano precisava interpretar: uma cidade era assinalada pelo salto de um peixe que escapava do bico de um cormorão para cair numa rede, outra cidade por um homem nu que atravessava o fogo sem se queimar, uma terceira por um crânio que mordía entre os dentes verdes de mofo uma pérola alva e redonda. O Grande Khan decifrava os símbolos, porém a relação entre estes e os lugares visitados restava incerta (2001, p.26).

Na história contada por Calvino, no livro “Cidades Invisíveis”, Kublai Khan só conhecia seu império pelas descrições dos lugares trazidos por Marco Polo e por



mais que sua descrição fosse detalhada, ela continuaria imprecisa, pois eles não compartilham o mesmo referencial.

Para Lefebvre(1991), de certa forma, todos somos Marco Polo e Kublai Khan tentando entender uma sociedade que não nos fornece mais lugares-comuns. Não falamos mais a partir de uma profissão, de um sindicato, de uma mesma compreensão de família. As relações antes eram de certa forma estáveis, pois eram baseadas nos costumes e eram pautadas por objetivos e objetos mais claros, agora são baseadas em grupos “informais, isto é, baseados na linguagem e em relações de linguagem” (1991, p.130).

São tantos grupos, tantas referências que Lefebvre (1991) fala que a explicação, o detalhamento é uma característica marcante da sociedade. Podemos relacionar o que o autor fala com a necessidade de descrição dos fatos pelos meios de comunicação. Falar e descrever uma experiência nunca atingirá a vivência. Podemos ver a cidade pela tela do computador, podemos até ter a sensação de percorrê-la, mas podemos dizer que conhecemos suas ruas? A descrição dos seus detalhes pela compreensão do outro será a forma como o outro a percebe.

Thompson(1998) fala sobre como as experiências estão sendo mediadas pelos meios de comunicação e como esta mediação traz uma outra relação com as experiências. O autor argumenta que os conteúdos dos meios de comunicação irão nos influenciar, trazer referências múltiplas, mas também resultam num distanciamento entre o sujeito e a sua experiência, vista pela tela com curiosidade e não como alguém implicado pela experiência.

É no cotidiano, na rua, no caminhar, que se torna possível o “reengate” entre significante e significado. Lefebvre (1991) fala que o cotidiano é o lugar das relações, dos encontros e construções, onde podemos criar o nosso próprio sentido para a cidade. O desengate, então, pode tanto ser percebido como um desnorteador como uma possibilidade de criação. Seria nesta rachadura, nesta quebra, que novos sentidos para a cidade poderiam ser produzidos.

Entretanto, como foi possível perceber ao falarmos sobre Thompson(1998), os meios de comunicação, alternativos e tradicionais, atuam fortemente neste processo de ressignificação e, assim como a heterogeneidade de pessoas e culturas na cidade pode levar ao isolamento dos sujeitos (afirmação que será problematizada adiante), a grande quantidade de informação e imagens transmitidas pelos meios de comunicação podem gerar uma redução na capacidade de perceber o próprio cotidiano na cidade.

4- A cidade e os meios de comunicação

Brissac (2004) fala sobre como a “avalanche midiática” pode nos levar a olhar rapidamente às coisas, o que nos faz não enxergar os detalhes, não contemplar as paisagens, não perceber a cidade. É como se estivéssemos vivendo a metáfora de Saramago, da cegueira branca, a cegueira do excesso, do livro *Ensaio sobre a Cegueira*. São tantas imagens que acabamos não vendo nada.

Os meios de comunicação possuem um forte papel neste excesso de imagens e representações, pois somos expostos não só ao que vimos presencialmente, mas também a todas as imagens midiáticas que nos dizem como é o mundo e o que devemos pensar sobre as coisas, como explica Benjamin: “Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres de histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam carregados de explicações” (1994, p.203).

A imagem midiática seria, assim, tão explícita que “provoca o esgotamento da capacidade de descrever” (BRISSAC, 2004, p.25). Os meios de comunicação tomam o papel de “tradutor” das imagens da cidade e passam da parte para o todo, “de algumas pedras para a cidade, de uma imagem para a moda e assim por diante” (LEFEBVRE, 1991, p.145). O discurso faz crer que estamos em contato com as coisas, mas na verdade só temos sua representação.

“A metalinguagem é o grande álibi para mascarar e esquecer as tarefas históricas e as missões que não foram levadas a cabo, para apagar as responsabilidades, para difundir uma culpabilidade latente, um sentimento impreciso de frustração e de mal-estar” (1991, p.146), diz Lefebvre. Consumimos, então, os sentidos das coisas para nos esquecermos de que não produzimos, não criamos sentidos, não nos comprometemos.

“Nossa intenção, com efeito, é mostrar o não-cotidiano, disfarce do cotidiano, voltar a ele e dissimulá-lo para ele mesmo”(LEFEBVRE, 1991, p.152). Ou seja, vivemos, num simulacro, consumimos a linguagem e não tocamos as coisas. A criação de sentido dá lugar ao consumo dos sentidos.

Para Simmel(1976), o excesso de imagens poderia resultar no que ele chama de “atitude *blasé*” que seria o embotamento da capacidade de perceber os detalhes, não que simplesmente o sujeito não olhe mais para a cidade, mas por olhar distraidamente, sem perceber sua paisagem.

Mas como seria possível olhar e perceber a paisagem urbana em meio ao excesso de descrições que encontramos na mídia e de mídia que encontramos na cidade? A publicidade encobre os prédios, as sinalizações automatizam nosso transitar pelas ruas, a obras urbanas privilegiam o fluxo à permanência.

Contudo, é exatamente no fluxo, no transitório, na disputa visual entre publicidade, grafite e os monumentos que a paisagem urbana se faz, desfaz e refaz. É uma paisagem nuvem, como explica Brissac (2004), que muda, corre, que não tem lugar ou que tem todos os lugares.

5. A cidade e as possibilidades

Passar de uma descrição das imagens da cidade para ouvir e criar as histórias que os seus muros nos contam este é o caminho para uma nova compreensão da cidade, ou, como explica Brissac (2004), para ser possível perceber a sua paisagem.

A cidade e a sua paisagem comunicam, contam histórias e encobrem outras, é um campo comunicacional, onde podemos “reengatar” significante e significado, mas também é um espaço de disputa por espaço e visibilidade.

A cidade, então, é vista como aparato de comunicação (ARGAN, 1998), “comunicação no sentido de deslocamento e de relação, mas também no sentido de transmissão de determinados conteúdos urbanos” (p.235), conteúdos que muitas vezes não podem ser ditos com palavras.

Em 2013, aconteceu em Fortaleza o 1º Festival Internacional de Arte Urbana de Fortaleza, o Concreto. Durante os dias do festival, um grupo de grafiteiros coloriu a cidade com desenhos, histórias e protestos. Um espaço escolhido pelos grafiteiros e autorizado pela Secretaria de Juventude da Cidade de Fortaleza foi o Farol, construção histórica da cidade que fica em um bairro periférico, o Mucuripe, e está fortemente deteriorado pelo tempo, pela maresia e pelo descaso dos órgãos públicos.

O grafite (ver figura 1) foi o foco de uma intensa discussão nas redes sociais. De um lado as pessoas que eram contrárias às intervenções em prédios históricos, de outro os que argumentavam que o grafite deu um novo sentido ao Farol, ao bairro, e às pessoas que estavam invisíveis para a maioria da população e para a mídia tradicional.



Figura 1: Grafite do Farol do Mucuripe, em Fortaleza.

O debate mostra como a cidade é um campo de disputa, visibilidade e até legitimidade. Quem pode “ocupar” a cidade? Todos? Ninguém? Os órgãos públicos? Os representantes das classes favorecidas? Um grupo de grafiteiros?

Vemos, assim, outra função para a heterogeneidade, tão marcante no espaço urbano, como foi descrito por Wirth (1976). É justamente no encontro com o diferente que novas possibilidades de construção do espaço urbano podem surgir, é na imprevisibilidade dos encontros que histórias inéditas acontecem, é no fluxo desordenado das ruas que é possível construir uma paisagem em movimento, como afirma Brissac (2004):

Cidades feitas de fluxos, em trânsito permanente, sistema de interfaces. Fraturas que esgarçam o tecido urbano, desprovido de rosto e história. Mas esses fragmentos criam analogias, produzem inusitados entrelaçamentos. Um campo vazado e permeável através do qual transitam as coisas. Tudo se passa nessas franjas, nesses espaços intersticiais, nessas pregas (p.13).

A quebra de referenciais atuaria, assim, como impulsionador de construções. Simmel (1976) fala que a cidade precisa de uma organização para que possa existir em toda sua heterogeneidade. Esta organização como os semáforos, os relógios que marcam o tempo na praça, os sinais de trânsito atuariam no ordenamento das coisas e das



pessoas e poderia trazer estabilidade e segurança para o caos. Entretanto, a ordem aparente da cidade não é capaz de esconder a falta de sentido das coisas trazida pela já citada quebra de referenciais. É o que se dá conta o personagem de Calvino (2001), do livro *Um General na Biblioteca*.

Toda vez (frequentemente) que me acontece não entender alguma coisa, então, instintivamente, me vem a esperança que de seja de novo a boa ocasião para que eu volte ao estado em que não entendia mais nada, para me apoderar dessa sabedoria diferente, encontrada e perdida no mesmo instante (p.17).

O conto começa falando que lhe aconteceu uma vez, no meio da multidão, no cruzamento, entre o vaivém de pessoas e carros, de não entender nada. Os semáforos, cartazes, monumentos, nada fazia sentido. A compreensão do desengate entre significante e significado era incrivelmente angustiante, mas também libertadora, era uma “sabedoria diferente”.

A história representa as possibilidades de construção do inédito que o espaço urbano proporcionou. Se nada mais faz sentido, então podemos construir o nosso próprio. Mas não será simples, a cidade é espaço de disputa, o seu ordenamento e até os meios comunicação tentam obscurecer a capacidade criativa dos sujeitos na cidade e da cidade na vida dos sujeitos.

O não entender nada é uma sabedoria que pode ser encontrada e perdida no mesmo instante, como aconteceu com o personagem de Calvino. Mas, é ao perceber que um dia as coisas não fizeram sentido, que nos colocaremos na busca pela repetição deste momento, pois é ele que nos possibilitará sermos autores e parte da paisagem da cidade.

7. Considerações finais

Ao final do texto, podemos concluir que a contribuição Simmel (1976) e Wirth (1976) para os estudos sobre a cidade foi fundamental para compreendermos as transformações sociais decorrentes do grande crescimento demográfico e dos novos referenciais trazidos pela heterogeneidade tão marcante no espaço urbano.

Entretanto, é necessário avançar na reflexão e perceber a heterogeneidade não só como a responsável pela quebra de referenciais, mas também como possibilidade de criadora. O imprevisível, que traz a sensação de instabilidade, também possibilita descobrir os caminhos, criar suas rotas e deixar seus rastros.



O próximo passo da pesquisa será aprofundar a discussão sobre cidade e fazer uma relação com o uso do grafite em seus muros. Como o grafite constrói novos sentidos para a cidade, quais são os conflitos e as negociações do uso da cidade como esfera comunicacional são algumas das questões que serão analisadas.

Referências

- ARGAN, Giulio. **História da Arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRISSAC, Nélon. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Senac, 2004.
- CALVINO, Ítalo; tradução Diogo Mainardi. **Um General na Biblioteca**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CALVINO, Ítalo; tradução Diogo Mainardi. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana e o Mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.
- SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público – As tiranias da Intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade**. Petrópolis; Vozes, 1998.
- WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio G. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.